

2. Computação e Informática

J. David Vianna

Há trinta anos atrás a construção de computadores estava em um estágio experimental. Hoje encontra-se em plena expansão o processo de industrialização. Muitas foram as fases transpostas antes de chegar à época presente. Neste período vários problemas científicos e tecnológicos foram suplantados. Atualmente, observa-se uma disseminação maciça do emprego de computadores afetando a vida de quase todos nós. Há uma produção cada vez maior de máquinas. Estão sendo desenvolvidos arquivos de computadores de grande capacidade com o uso dos quais cada informação armazenada pode ser posta à disposição do usuário numa fração de segundo. As máquinas estão sendo interligadas à rede telefônica de maneira a permitir permitir que os computadores se comuniquem entre si.

Concomitantemente, a falsa e antiga idéia de que só pessoas extremamente inteligentes e treinadas em computação podiam usar os terminais está sendo desmistificada: o computador pode ser utilizado por qualquer um e mesmo sem conhecimento de computação. O computador pode mesmo ser visto com uma máquina que ensina, programada para responder pacientemente às dúvidas do usuário. Seu emprego, no entanto, vai além da educação e aparece na medicina, no processamento de textos e mesmo na pesquisa em linguística. A informática está criando

impactos em todo campo da atividade humana, mas talvez seu maior benefício esteja no fato que ela pode propiciar, se bem utilizada, uma melhor análise dos problemas existentes e permitir de forma mais rápida que os homens encontrem as soluções. Atenta a estes fatos é que recentemente a União Soviética criou um ministério diretamente ligado à informática, ou seja, o Comitê de Estado para a Técnica de Computadores e Informática, o qual terá como uma das funções supervisionar a construção e utilização dos computadores na economia.

No Brasil, a indústria nacional de computadores praticamente não existia até 1975. Em menos de dez anos, no entanto, ele explodiu: nesse período o número de empresas quadruplicou a já em 1983 ocupava quase metade do mercado brasileiro: os minicomputadores e microcomputadores fabricados pela indústria nacional até esse ano já eram cerca de 80% dos computadores instalados no país e nossas empresas neste setor geravam cerca de duas vezes mais empregos que as estrangeiras do mesmo ramo. Esses dados reforçaram a tese que o capital estrangeiro não é imprescindível para o desenvolvimento, e **derrotam** a crença, divulgada pelos ditos cientistas e admiradores das nações desenvolvidas, de que os países subdesenvolvidos devem fazer é